



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

MARGEAR: PISTAS, MAPAS E SONHOS

Renata Aguiar¹
UFRJ

Introdução:

Neste artigo apresento pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde realizo investigação teórico-prática das poéticas-políticas emergentes no imaginal amazônico, que possibilitam a corpos dissidentes, espaço para ocupação e tráfego em uma construção discursiva a partir da intercessão arte e fotografia; para tal me apoiei em três eixos de pesquisa, quais sejam: investigação, mapeamento e experimentação.

Os dispositivos e processos de produção de sentidos na Amazônia se dão em complexas inter-relações de colaboração entre indivíduos, coletivos, artistas, ativistas e educadores, fazendo surgir questões: A arte pode estar desligada da formulação de discursos políticos? Seria a construção coletiva e/ou autogestionada, em sua própria estrutura, um processo de resistência aos sistemas de poder? A Amazônia em suas questões e discussões próprias resiste à homogeneização globalizante e descoloniza corpos e mentes? Na Amazônia, uma paisagem diferenciada, onde as grandezas se fazem desmedidas – a fotografia das últimas décadas no Pará é permeada por uma identidade particular da produção local contemporânea. É nesse sentido que compreendo apropriado falar sobre uma moderna tradição amazônica (CASTRO, 2011), dotada de um sentir específico que influencia até hoje a produção fotográfica local, ponto de partida para a hipótese de que o imaginal amazônico contemporâneo produz um discurso capaz de narrar histórias, identidades e alteridades que de outra forma não seriam passíveis de registro ou existência oficial: materialidades que ressignificam a arte em seu caráter político e social em uma poética específica, construída na relação com o lugar, pontos de fronteira em que arte e fotografia são passíveis de construir uma visualidade, um imaginal que resiste a estereótipos normalizadores do lugar marginal.

É somente através do[a] artista que novas ideias sobre o conhecimento de outra maneira tácito e implícito podem ser adquiridas, e somente enquanto o[a] artista/pesquisador[a] permanecer um[a] artista ele ou ela será capaz de enriquecer as pesquisas existentes realizadas por cientistas. (COESSENS, DOUGLAS e CRISPIN, p.91, 2009).

¹ Artista visual, fotógrafa e doutoranda na linha de pesquisa Poéticas Interdisciplinares do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Provar, viajar, sentir, experimentar: agenciamento que fazem emergir relações que constantemente reorganizam as experiências vividas através de formas híbridas de configuração formal e processual, a arte/pesquisa a partir do olhar da artista/pesquisadora. Assim meu objetivo é realizar pesquisa sobre o imaginal da Amazônia contemporânea a partir dos pontos de fronteira entre arte e fotografia em um curso histórico e empírico sobre o tema, aprofundando o estudo pela perspectiva arte-pesquisa-artista. Tendo como objetivos específicos, investigar as relações técnico-conceituais entre arte e fotografia na construção do imaginal amazônico; mapear a produção fotográfica na Amazônia contemporânea, mais especificamente na cidade de Belém em suas resistências poético-políticas e desenvolver experimentações fotopoéticas como possibilidade de dilatação do hiper corpo fotográfico nas relações arte-pesquisadora-artista.

Metodologia

Como método uso a cartografia, que se presta à análise e desconstrução de dispositivos, ação de desemaranhar linhas de força, além de instrumentalizar a resistência em seus modos de objetivação e subjetivação, já que tal como proposta por Foucault e Deleuze, a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos. (FILHO e TETIA, 2018)

Entendendo o papel da artista/pesquisadora como alguém que olha para a metodologia buscando um estar no mundo dentro de uma perspectiva formal e artística, escolhi os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e revisão bibliográfica de fontes primárias e secundárias que encaminhem aos pontos necessários à investigação proposta; cartografia/mapeamento como técnica investigativa na formação de um corpo de dados tanto para catalogação, quanto como elemento investigativo; a experimentação em artes como recurso da artista pesquisadora no âmbito acadêmico do processo criativo.

Narrativas afetivas e cartografias poéticas

Outras artistas/pesquisadoras tem se lançado neste campo de investigação onde, arte e fotografia vieram se fundir as experiências vividas, associando as possibilidades formais do discurso a construção imaginal, articulando a (des)estrutura dos sujeitos/objetos aos temas/conteúdos de suas investigações artísticas e inquietações políticas e sociais; como Paula Sampaio que oferece ao olhar imagens surgidas do universo de sonho marginal, no projeto: *Antônios e Cândidas tem sonhos de sorte* realizado desde a década de 1990, que documenta histórias de homens e mulheres que na década de 1970 iniciaram um processo de migração e ocupação da Amazônia. As imagens de Sampaio, em preto e branco, trazem personagens cortados, fora de enquadramento ou retratam apenas uma parte do corpo. A fotógrafa trabalha as sombras, dando dramaticidade à imagem e mesmo constituindo-as apenas com silhuetas, criando uma poética que dá forma à memória a partir do *habitus* “que faz o criador participar de sua coletividade, de sua época e, sem que este tenha consciência,



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

orienta e dirige seus atos de criação aparentemente singulares” (BOURDIEU, p.342, 2003)

No ensaio *Refúgio*, Sampaio nos leva a uma reflexão política a partir de sua poética, mostrando esvaziada a ideia de classificação das comunidades quilombolas como reduto de negros fugidos. Passamos a ver esses sujeitos com suas vidas e características próprias, de identidades diversas e complexas dentro de uma comunidade isolada e de passado e memórias compartilhadas, constituindo novos universos de histórias e realidades:

Paula Sampaio vê, realizando documentação fotográfica dos quilombolas, sua individualidade, emoções e vida comunitária. Na sociedade nacional, não têm direito a um rosto e a tudo que converte o indivíduo em cidadão. [...] Sampaio constitui índices de abandono social e da ausência de representação política dessas comunidades [...]. (HERKENHOFF: apud LIMA, p.117, 2009).

Lançar-se a um contexto artístico específico possibilita estabelecer um corpo de pesquisa tanto num registro de condição arquivista, quanto da natureza da experiência vivida no processo de experimentação e criação artística, mas é a fabulação do imaginal que permite as artistas ir além e constituir diversos estados de sublime no poético contemporâneo, como no trabalho da fotógrafa paraense Claudia Leão, que recorre às primeiras experiências fotográficas das vanguardas artísticas históricas para dar corpo investigativo ao seu trabalho na série *O Rosto e os Outros*, na qual algumas fotografias são apresentadas em estágio final de produção estando nítidas e evidentes, enquanto em outras não passam de espectros que nos exigem observação minuciosa para imaginar sua existência, é uma série de fotografias que trabalha com a técnica de apropriação de imagens de outras fontes ou de álbuns antigos de outras pessoas ou de família, além de manipular imagens ainda não reveladas trabalhando diretamente na construção e na transformação de fotogramas em imagens feitas no laboratório.

O que seria então criar imagens, usando a fotografia mesmo documental ou expandida? Um ato de eleger personagens, lugares, paisagens: ficcionalizá-los. Sejam em sua concepção ou em sua fruição meus modos de desvendar e falar sobre a fotografia enquanto arte e suas particularidades nunca deixaram de ser um olhar sobre o mundo vivenciado, um mundo no qual a Amazônia se faz presente por ser o ponto de encontro e de partida comum dos trabalhos desenvolvidos.

A busca pela representação do lugar – desse que não é qualquer outro senão o que se me apresenta na cotidianidade, íntimo, particular e imenso, dilatado pela contiguidade das águas, ruas, becos e estradas – caminhos que percorri “manipulando o aparelho, apalpando-o, olhando para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades” (FLUSSER, p.42, 1985) procurando perceber os cantos obscuros e pouco visitados do universo fotográfico, espaço debilmente iluminado pela chama midiática, tentando construir para além do lugar comum do mercado e das padronizações das identidades e discursos homogeneizantes, uma fotografia que realize um universo fotográfico diverso e constitutivo de subjetivações não programadas (PAIM, 2012), no entanto:



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Não é necessário imaginar um não dito ou um impensado que percorre e entrelaça o mundo com todas as suas formas e todos os seus acontecimentos, o qual teríamos de articular, ou, finalmente, pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, p14, 2012)

Assim, na experimentação entre o imaginal e o discurso na Amazônia, desenvolvi o trabalho Ykamiabas, apresentado na exposição Arte & Contingência, no Espaço Apis na cidade do Rio de Janeiro, como parte da disciplina de História e Teoria das Artes Moderna e Contemporânea I do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde reconto a história da tribo de mulheres guerreiras que não permitiam entre si a presença masculina e viviam na região do rio Nhamundá, afluente do rio Amazonas, que assim foi denominado em referência as mulheres guerreiras presentes na mitologia europeia: as amazonas.

Foi Francisco de Orellana, que entre 1540 e 1542, desceu o rio Amazonas em toda a sua extensão, de Quito ate o Oceano Atlântico [...] informa que encontrou índias guerreiras, sem maridos, as “Amazonas”, com que revidaram o combate com grande bravura. Mas os índios não falavam de amazonas, e sim Ykamiabas, que habitavam o rio Yamundá (COSTA, SILVA e ANGÉLICA, p.469, 2002).

Estas cenas inscritas pela luz – fotográficas – fazem surgir outro mundo de conhecimento permeado pela realidade do mito, das narrativas orais e das histórias que nos quiseram fazer esquecer, “do lugar onde são possíveis as visões e os sonhos. Um outro lugar onde a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, p.65, 2019) que intuo ser o lugar da arte, do fazer-se artista, em um mundo ampliado nas possibilidades de uma realidade constituída em rede aberta e constante movimento onde, para além do sujeito isolado ou preso a dicotomia humanidade x natureza, somos um coletivo que se auto organiza na coletividade, ou seja, nossas vontades, desejos, decepções e lutas expressas em ações e atitude, não são configurações puramente individuais, mas da abrangência política, ecológica e social que nos compõe.

Conclusões

Assim entendo que arte constrói discursos que são difundidos, valorados e apropriados pela sociedade, principalmente pelas mudanças que a revolução industrial do início do século XX e a arte pop dos anos 1960 trouxeram para forma como artistas, fotógrafos e os meios de comunicação lidam com obras e imagens fotográficas. Como as fronteiras entre essas áreas tem se tornado cada vez mais imprecisas e fugidias o método cartográfico se torna importante referente para abordar nesta pesquisa as relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdades,



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo e do outro, práticas de resistência e liberdade: enunciações.

Dessa forma construí caminhos – mapas – do imaginal amazônico contemporâneo em sonho, pista, vestígio e devir, num acervo cultural constituído por obras de arte, registros, performances, imagens, textos, hipertextos, processos ou vivências cotidianas que revelam, narram e recriam a realidade das pessoas e dos lugares onde nos inserimos, agenciando territorialidades amazônicas.

Palavras-Chave: Fotografia. Onírico. Discurso. Amazônia.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p. 342.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Entre o Mito e a Fronteira**: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém. Belém: Edição do Autos, 2011.

COESSENS, Kathleen, Anne Douglas, and Darla Crispin (2009) **The Artistic Turn: A Manifesto**, Orpheus Research Centre in Music Series, 1, Leuven: Leuven University Press. p.91

COSTA, Marcondes Lima da; SILVA, Anna Cristina Resque Lopes da; e ANGÉLICA, Romulo Simões. **Muyrakyta ou muraquita: um talismã arqueológico em jade procedente da amazônia**: aspectos físicos, mineralogia, composição química e sua importância etnogeológica. Manaus: in ACTA Amazônica vol.32 no.3, p. 467-490 jun./set. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v32n3/1809-4392-aa-32-3-0431.pdf>> Acesso em 10 mai. 2019, 03:44:09.

FILHO, Kleber Prado e TETIA, Marcela Montalvão. **Cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Santa Cruz do Sul, in Barbarói n.38, p.45-59, jan./jun. 2013. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743>> Acesso em: 05 ago. 2018, 23:40:05

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985, p.42.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina**: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOKARZEL, Mariza (Coord.); LIMA, Janice; MOURA, Simone. **Rios de Terras e Águas**: Navegar é Preciso. Belém: UNAMA, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005